

TRADUÇÃO AUTOMÁTICA GOOGLE DO CAPÍTULO QUE  
COMEÇA NA PÁGINA 67 DO LIVRO Cosmos, Values, and  
Consciousness in Latin American Digital Culture DE ANGÉLICA J.  
HUIZAR.

[Cosmos, Values, and Consciousness in Latin American Digital Culture | SpringerLink](#)

### 3.3 Energia da Linguagem

A poesia reflete a realidade em que vivemos e que projetamos e construímos. Pode levantar questões sobre como a justiça, a esperança e a compaixão são exemplificadas. Como é que importamos? Qual é a natureza do nosso universo? Quem somos nós? Em última análise, essas poéticas revelam como somos participantes deste mundo, não apenas observadores. A poética digital de Alvaro Andrade Garcia atua na decifração tais questões em seu Grão (2012, Ciclope, 6 45 software por Lucas Junqueira).

Desde o início, somos informados de que é uma investigação sobre questões de vida, ser e misticismo, quando ele revela que a epígrafe é um tradução liberal do Durgasatanama Stotra do Visvasara Tantra. Isto é interessante notar que os tantras promovem uma transformação e liberação de energia - incluindo um senso de nobreza, heroísmo e maestria - e encoraja aventura e jogo, provocando assim uma sensação de deleite, uma

sensação de que o mundo real deve ser apreciado, aprimorado e engajado. O corpo é retratado como indispensável para a ação compassiva e, portanto, o principal figura é a de uma mulher, que, nos tantras, tende a ser inerentemente espiritual superior.

Esta ode a Durga fala de sua multidão de nomes, de suas virtudes de castidade, coragem, vitória, como libertadora de nascimentos e mortes. Ela / ele é acima de tudo um salvador, mas também um cônjuge, mãe e filha. Ela é um governante bonito e assustador que incorpora todos os outros grandes governantes com intelecto ou sabedoria.

Mas o que evolui no Grão é mais do que um tear digital; é uma exploração de linguagem, som, imagem e significado. Palavras servem como metáforas onde a linguagem é divorciada da estrutura da sintaxe, gramática, significado e som. Som e palavra convergem definindo o humor de um espaço sagrado, um tantra que define a disposição simbólica. É uma tradução e transliteração em vários níveis: linguístico (chinês / Sânscrito / Inglês / Português), cultural e design (ideogramas, som, imagens). O poeta nos informa que este é um jogo gráfico de adivinhação - de exploração espiritual, que visa identificar como nos encaixamos neste universo que privilegia o eu acima de tudo. O trabalho digital é, em essência, um jogo gráfico dos ideogramas: as palavras tornam-se gráficos, as imagens tornam-se ideogramas, ambos se tornam traduções da interpretação do inspirado elegia. Assim como Durga é onipotente, nós, como humanos, incorporamos o universo dentro.

Luz, ar, água e fogo (como eletricidade) são elementos que compartilhamos com a Terra. O “eu” ou humano é o “grão” ou semente da criação, e ele são nossas palavras (palavras) que garantem nossa importância ou estado primordial em criação. Os ideogramas em chinês estão sempre presentes, enquanto as palavras aparecem e desaparecem, às vezes lidos na tradução em inglês durante a escrita em português para acentuar a traduzibilidade das metáforas. Ainda, a palavra falada e mesmo escrita se desintegra pelo pronunciamento de “est / tse” - uma brincadeira com os fonemas - seguido por um grito ecoante e uma tela branca.

Andrade Garcia desenha o poema digital com nove episódios (fluxos) claramente marcado pelas mudanças de imagens, ideogramas ou efeitos visuais. o a epígrafe, como ele a chama, serve para definir o tema da obra: uma exploração dos valores defendidos no tantra Durga. Ele descreve as imagens em seu site como representações claras de pinturas indianas do século XVII e Séculos XVIII se seguiram e justapostos por imagens específicas do Sul América. O poema começa como uma tradução inspirada com homenagem a espiritual Figuras indianas de kali yantra, Shiva do Templo de Perur em Coimbatore. A visão do kali yantra é acompanhada por uma recitação tântrica de palavras isoladas em português com imagens escritas em português, inglês, e Sânscrito evocando uma sensação de fusão de nuances culturais preparando o palco para uma exploração semântica.

QUEM SOMOS? primordial / trinetra / suporte da lança / consorte  
maravilha / austere / emana / desperta / eu / forma / consciente / pira /  
conhecimento / substancia dos cantos / realidade / natureza / graça /  
imensa

É um suporte primordial de três pontas, uma maravilha austera que emana e desperta o eu, a forma e a consciência. É uma pira funeral de conhecimento, da inspiração dos versos antigos, da realidade e da natureza. Isto é imensa graça. Mas o poema digital rapidamente se transforma em uma exploração de consciência, perguntando inadvertidamente: Qual é a essência do ser? Como a consciência se encaixa no universo? Enquanto o Durgasatanama Stotra é um hino de louvor a um divino indivíduo onipresente e eminente que é um e todos ao mesmo tempo, para Andrade Garcia esta expressão de adoração inspirou seu próprio questionamento da questão do eu (eu), de como os humanos vêm a ser e como a presença I (eu) é essencial e dominante. Assim como o esplendor de Durga está sempre presente e poderosa, o poeta mostra como a a essência é requintada por causa de seu poder de criar linguagem. O poema explora onde o “eu” entra na criação do universo. A característica única de voz e linguagem do sujeito (“palavra”) nasce de luz, ar vazio e fogo. É o som da palavra que predomina e torna os humanos “primordiais”. Assim, o poema funciona como um sensorial ideograma que convida o leitor a especular a essência da humanidade, assim como o Durgasatanama Stotra canta as inúmeras qualidades e afinidades da deusa

Durga. Claramente a palavra - com seu som, semântica, e imagens - é o destaque deste trabalho.

No quarto fluxo, “Palavra”, Andrade Garcia foca em como as palavras são simplesmente uma combinação de sons gerados por recipiente que constitui um corpo, operado por uma boca. O eco de um grito é acompanhado pela imagem de uma fogueira na boca da criança, seguida da repartição da palavra “palavra”: palavra (palavra) / alavra / lavra (mina) / lava / ava / elo (nexus) / ala / eva / ovo (gema) / novo (jovem) . As palavras são nosso fogo metafórico. Ele opta por destacar os caracteres chineses, sânscritos e hindus, às vezes acompanhados pela palavra escrita em português e inglês. Existe, portanto, uma capacidade de tradução de culturas, ideias, e crenças.

Os próximos seis fluxos reinventam a criação do universo. No quinto fluxo, o poder da linguagem é sequencialmente lavado, simbolizado pela imagem em movimento da cachoeira. A água é uma persona materna, segundo Andrade Garcia, cujas características estão inextricavelmente entrelaçadas: água, divindades femininas governantes, substância mental. As palavras (“Emana / manas / mae / maya / yara / ioga”) também são atributos muito bem alinhado com as qualidades expressas de Durga.

Interessante, no entanto, é como o poema brinca com a linguagem, particularmente com os sons e a semântica. As palavras são propositadamente deixadas em português sem tradução falada,

proporcionando uma oportunidade para o imediatismo de consciência e concentração sobre as qualidades reais do som da palavra recitada.

No sexto fluxo, enquanto a palavra é o aspecto principal do poema, as imagens do sol são metáforas para as células reprodutivas (gameta) fundindo-se em um perfeito design visual yin / yang. As palavras aparecem: “progenitor / profeta / geme / germe / genitor / gema.” O poema está progressivamente imaginando a criação da vida com os elementos e as palavras estão dando sentido para esta vida. O sol é o designer de toda a criação.

A eletricidade do relâmpago, por outro lado, no sétimo fluxo é o rudimento que acende o som. As palavras soam - “raio / germe / verbo / vers / y / litera / tora” - imagens ao longo de outra versão do fogo produzido pelo eletricidade. Luz e escuridão se fundem.

Mas tão ensurdecedora é a vibração de silêncio. Andrade Garcia chama isso de “ar vazio” (“ar vazio”). O poema explica que o silêncio é um ardor, disseminado e espalhado como a chuva; e depois de muito clamor, este episódio não nos deixa escapar do barulho, mas sim traz uma percepção mais consciente da falta de som das vocalizações. Som e silêncio são igualmente gratificantes.

E com este trabalho de repensar a vida, o “Id ancestral”, como Andrade Garcia o chama no nono fluxo, preenche o espaço vazio com um golpe e

gera espíritos eternos do universo (“ánimas etéreas do universo”). Morte e vida estão interligadas com fotos de piras funerárias enquanto ecoa a recitação poética, o sopro da vida se expande, se dissemina, se transforma e se dispersa.

A luz segue no décimo fluxo, produzindo a imagem da terra após o Big Bang e imagens de luz, cosmos, amálgamas e fusões, tempestades astronômicas. Uma exploração das origens da vida é inequívoca, mas o mais notável é como ele reinventa signos semânticos, dando-lhes novos significados, testando novas nuances simbólicas e articulando múltiplos sistemas de conhecimento. O poeta recita a tradução em inglês de palavras em português que pintam um renascimento de luz, liberação, temperamento, cosmos, colisão e acidentes, mas também palavras que definem o clima de um espaço sagrado, um lar.

“Palavra” é acusticamente dividida em seus fonemas e então reconceptualizado em palavras que rimam. Andrade Garcia vislumbra a concepção do universo com o início do som; ou seja, nesta peça, a consciência emerge do som. A predominância do som de vogais como fundamentais para a comunicação humana são associadas espiritualmente com os chacras correspondentes - antiga prática espiritual sânscrita do centro de energia de sete forças vitais. Andrade Garcia conecta essa cultura e crença espiritual com a mitologia indígena do Brasil de como cada ser humano é composto de um tom e cor específicos. Na antiga tradição indiana, o corpo humano também é composto de tom e cor que afetam o

espiritual despertar do indivíduo. Esta sintonia corporal e espiritual é a chave para o espírito humano.

Essas mesmas nuances e tonalidades fazem parte de nossa linguagem verbal , então o poema afirma ainda que é o nosso discurso - nosso sons falados especificamente - que nos conectam ao universo. O som é força ativa.

Finalmente, as imagens dos fluxos anteriores (água, sol, iluminação, silêncio, e luz) unem-se em uma rápida variedade de imagens em movimento. Assim, no décimo primeiro fluxo, a imagem da cobra fica ereta como o som do a vogal “a” que reverbera com tonalidades e nuances variadas. Som e a imagem se funde de forma rápida e perfeita para criar um ambiente simbólico. Fala, Pronúncia, Sêmen, Silencio, Arde, Ar. A fala ou a linguagem é a semente do silêncio que inflama o ar - nosso comunicativo sistema que alimenta a humanidade e o universo.

Curiosamente, essas palavras episódios falam profunda e profeticamente. Nas recitações do poeta, ouvimos palavras alternativas (entre aspas) que falam de mais nuances simbólicas: (o poeta pronuncia "emanar") Dente “desperta” Dúvida “funeral” Espaca “pira” Dissemina / spande / ásporo / sopro “sopro” / anima / torna “volta” Dimensões “dispersas”.

O indivíduo (ou Id) surge, desperta e se dispersa com o sopro de vida, a partir do puro processo de existência. O português escrito parece não se



correlacionar com o inglês falado, mas a conexão está no justaposição sugestiva de significado. Dúvida sobre o significado de a vida surge na morte, num “funeral”, e é no espaço (spaço) do “Pira” que o sentido da vida se desdobra e se expande como o “sopro” da alma, “gira” e “se dispersa”, fundindo-se com o universo. Imagens de vídeo mudança de uma visão da terra para o espaço, tudo interrompido por um som final de um grito humano - um retorno ao ruído fonológico.

Andrade Garcia é claramente inspirado nas deduções místicas do Durgasantrama, fazendo de seu poema uma exploração espiritual da consciência. Retira-se da visão mística hindu e budista do mundo. Embora o tantra original esteja na tradição védica e seja escrito em sânscrito, encontramos pontos de vista budistas mais contemporâneos comumente praticados hoje. O vídeo-poema explora tanto a consciência como a manifestação de um singular e realidade final, conforme refletido nos temas explorados, mas também como uma consciência íntima da experiência do leitor / usuário como ele / que atravessa as conexões, desvenda o significado e experimenta o visual e estímulos sonoros.

Esta mistura de percepção e consciência, de consciência humana e cósmica, é uma questão que tem sido questionada no campo científico, com Nelson perguntando: A existência da consciência é um mistério profundo, eclipsado apenas pelo mistério da própria existência. Será que esses dois mistérios são profundamente entrelaçado? Ao aprender sobre um, podemos revelar percepções sobre o outro? Na verdade, o Grão de

Andrade Garcia joga com a linguagem - sua musicalidade e tonalidade, sua traduzibilidade (ou falta dela), sua importância simbólica - principalmente de forma lúdica, como se criassem quebra-cabeças para serem decifrados e sons para ser apreciado. Imagens tiradas de ideogramas chineses, antigas pinturas indianas, imagens de mapeamento do universo, figuras gráficas e diagramáticas, todos em um vídeo tour de imagens que convidam a diferentes tipos de leituras.

A poesia digital é tão envolvente e provocativa quanto a poesia tradicional, oferecendo uma dose adicional de meio simbólico com a explosão de imagens fazendo uma mudança semiótica da descrição para a visualização conceitual do conhecimento com os esforços combinados em artes visuais e tecnologias digitais. Essas práticas contemporâneas e modos de visualização geram um “Olho transóptico”, como muitos poetas digitais já notaram. Nossas leituras são, portanto, dispersas, multidirecionais e colaborativas. Nós achamos que para entender uma imagem precisamos conhecer sua linguagem, sua comunidade de discurso, seu contexto social. Nossos padrões estéticos agora promovem leituras de confusão, e para encontrar um significado nisso, devemos adaptar nossa alfabetização visual. Descobrimos que agora lemos imagens, gráficos e outros de duas maneiras: fazendo uma varredura visual da própria imagem e, em seguida, seguindo com uma análise mais aprofundada leitura com foco nas texturas, linhas e cores. Da mesma forma, as leituras digitais são processadas visualmente (distante e perto) e interativamente pela participação na ativação de links ou movimentos. O pensamento abstrato também é

reconceituado, e os projetos são mais frequentemente realizados coletivamente.

Da mesma forma, o senso de identidade é reformulado do "eu" unitário para o self paralelo, móvel e interativo colaborativamente. O que nos leva a questionar se a arte combinada com a tecnologia nos torna mais conscientes de nossa conexão com os outros em nossa colaboração mas também como consciência coletiva. O que são essas novas reimaginações digitais propõe a respeito da separação do corpo e da mente (consciência versus ser)? Como é a transliteração do estilo e ritmo poético no tela cinematográfica ou digital, transformando essa experiência de percepção repentina ou descoberta (momento “ah ha!”)? Estas são representações artísticas um reflexo de nossa consciência, ou são ativamente forjados? Como o trabalho interativo pode deixar o navegador mais consciente sobre a relação entre si e o trabalho?